



"DEU MATCH!" SENHORAS E GAROTOS EM/NAS REDES DE AMOR E SEXO

Letícia Emmerick de Souza¹
Fernando Altair Pocahy²

RESUMO

O trabalho em tela problematiza relacionamentos intergeracionais na experiência do envelhecimento. O estudo acompanha redes de sociabilidade virtuais por onde se produzem encontros entre mulheres acima de 60 anos e homens jovens, ambos cisgêneros. Nossas apostas de trabalhos consideram que envelhecer não anula ou determina o fim das expressões da sexualidade humana, tampouco extingue o prazer ou sua busca, mas é fortemente regulada por códigos morais e de desprezo pela velhice, ademais da manutenção de práticas sexistas e outras formas de violência e/ou dominação sobre as mulheres. De mesmo modo, podem oferecer novas configurações e relações que ultrapassem esses instituídos, evidenciando novas potências nos modos de subjetivação, especialmente pela diferença geracional. Movimentamo-nos, portanto, em uma cartografia das experimentações da sexualidade na trama intergeracional, com vistas a perceber os movimentos, tensionamentos e negociações produzidas na trama dos relacionamentos virtuais. Os pressupostos ético-epistemológicos e metodológicos do trabalho acompanham as abordagens pós-estruturalistas presentes no campo dos estudos de gênero e sexualidade. Os resultados parciais aqui apresentados consistem de mapeamentos sobre os estudos e pesquisas que vêm sendo realizados nesta temática. Nessa direção, indicamos as ausências e as permanências sobre os modos de compreender a sexualidade e o erotismo na cena intergeracional e em seus arranjos e tecnologias.

Palavras-chave: gênero, sexualidade, envelhecimento, relacionamento intergeracional, aplicativo.

¹ Graduada em Psicologia (UFF) Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS/UERJ), emmerickleticia@gmail.com

² Graduado em Psicologia, Doutor em Educação (UFRGS). Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, vinculado ao Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino e aos programas de pósgraduação em Educação e Psicologia Social (ProPEd e PPGPS/UERJ), fernando.pocahy@gmail.com



INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade o envelhecer tornou-se mais longo, os índices de expectativa de vida conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstram que no ano de 1940 as pessoas viviam em média 45,5 anos, já no ano de 2017 esse número saltou para 76 anos. Com esse avanço ampliou-se o campo de estudos sobre envelhecer se atentando aos mais diferentes aspectos, as velhices passaram a interpelar vários espaços da sociedade.

As redes sociais, aplicativos e o meio virtual podem ser fontes de aproximação entre pessoas que ajudam a construir laços, os tempos modernos têm mostrado, mas quando falamos de tecnologia ainda existe um recorte etário muito grande dentro deste meio.

Segundo Jair Ramos (2015), a união da internet agora pelo ar modo Wi-Fi e a possibilidade de se conectar por uma rede móvel de dados em smartphones revolucionou a forma de se vincular ao outro.

Em um campo povoado por uma população jovem, a velhice pode encontrar resistências para habitar as zonas de convivência entre telas, principalmente nos aplicativos de conquista e relacionamentos amorosos/sexuais virtuais onde as categorizações do corpo belo ou o corpo abjeto operam dentro de uma lógica do ideal jovem, somente um corpo jovem, sem rugas, sem marcas, sem imperfeições representa um corpo passível de ser desejado e querido.

Esta pesquisa emerge das inquietações clínicas da pesquisadora, ao atender majoritariamente mulheres cisgêneros acima de 60 anos, que ao experimentarem uma nova forma de viver, seja pela viuvez, seja pela separação, ou até mesmo pela experiência do envelhecer só, se lançaram em novos rumos de descoberta de si, do corpo, da sua sexualidade no aplicativo tinder.

A cada atendimento realizado mais era possível perceber o quão esta experiência de se sentir olhada, desejada, mexia com o erotismo destas mulheres, e produzia formas de subjetivação outras para a autopercepção destas mulheres nas experimentações das suas sexualidades.

Para além de uma percepção clínica, os relacionamentos intergeracionais de mulheres mais velhas com homens mais novos vêm roubando a cena nas produções artísticas, teatrais, novelas do cotidiano brasileiro está cada vez mais comum ver em TV aberta em horário nobre o quão potente pode ser um relacionamento que perturba um pouco as marcas do etarismo em nós.



Portanto, diante deste contexto é válido pensar algumas perguntas que moveram e ainda movem esta pesquisa, para compreender um pouco do percurso feito e as dificuldades e esperanças encontradas nesse devir dos afetos em rede de mulheres cisgêneros 60+ e homens mais novos.

METODOLOGIA

Segundo Pelúcio (2015):

Estudar, através das ciências sociais, os efeitos dessas tecnologias em uma “sociedade em rede” tem sido, há pelo menos duas décadas, um desafio, não só pelo caráter cambiante da comunicação digital como pelas dificuldades que esta dinâmica imprime ao campo de investigação acadêmica. Mal desenvolvemos novas técnicas para coletar dados, passamos a dominar determinadas ferramentas, começamos a nos ambientar com certas plataformas e seus usos mudam, quando não é o próprio ambiente de pesquisa que desaparece ou perde centralidade (p.7)

A metodologia cartográfica, foi a linha que embasou e embasa o modo de pesquisa deste trabalho. A cartografia não vai lidar com os dados padrões que principalmente as pesquisas com o modelo quantitativo desejam gerar e confirmar ou afirmar conclusões, a cartografia constrói algo novo no encontro.

É uma metodologia qualitativa que tem como principal fonte os encontros entre pesquisador e o campo, principalmente os afetos que estes momentos irão produzir em todos os/as participantes. Assim a pesquisa cartográfica não isola um objeto para analisá-lo, a pesquisa acontece em seu contexto, social, cultural, histórico, com seus vínculos e o modus vivendi das pessoas envolvidas. Assim a metodologia cartográfica se movimento em uma teia coletiva de forças entre todos os envolvidos é preciso se deixar afetar e afetar também

Assim a cartografia tem uma outra forma de lidar com as variáveis segundo Kastrup (2009)

Diferente do método da ciência moderna, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças. Não se trata de mera falta de controle de variáveis. A ausência do controle purificador da ciência experimental não significa uma atitude de relaxamento, de "deixar rolar". A atenção mobilizada pelo cartógrafo no trabalho de campo pode ser uma via para o entendimento dessa atitude cognitiva até certo ponto paradoxal, onde há uma concentração sem focalização. O desafio é evitar que predomine a busca de informação para que então o cartógrafo possa abrir-se ao encontro (p.57).

A ideia inicial era utilizar a própria plataforma do tinder para conhecer as possíveis participantes, após sugestão do meu orientador, pensamos em utilizar outros meios, como a indicação de pessoas, e o anúncio da pesquisa nas redes sociais em busca das participantes.



A pesquisa ainda se encontra em fase de busca e entrevistas, este primeiro contato tem me mostrado algumas possíveis limitações e expansões de pesquisa que abordarei com maior detalhe nos resultados e discussão.

Para estruturar esta pesquisa irei utilizar alguns pensadores da cartografia, sendo a principal a Suely Rolnik, visto sua familiaridade conceitual com os afetos e sentimentos humanos e sua trajetória de intercâmbio da psicanálise e esquizoanálise, creio que renderá bons frutos esta escolha para me ajudar dentro das paisagens cartográficas que as pesquisas produzem.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago (p.15).

O encontro cartográfico que já se inicia neste primeiro momento de chamada pública e informe da pesquisa a população, permanece e se expande por meio de outro espaço-tempo de pesquisa, que precisa gerar o que há de mais essencial em uma cartografia: a confiança das participantes, é a partir deste sentimento de minhas protagonistas de pesquisa, que todo este trabalho será possível.

Visando criar um ambiente de segurança em que a participante possa se sentir acolhida, estes encontros que virão poderão ser presenciais ou virtuais a escolha de cada mulher. Este momento irá se organizar a partir de uma conversa sensível, para além de abordar o prazer, o tinder ou qualquer outra coisa que esta pesquisa está produzindo ou ainda irá produzir, a cartografia tem como aposta de escuta acolher principalmente os afetos e as afetações que surgirem no encontro da pesquisadora e a participante, essa rota dos afetos também é um material rico desta construção mútua de experiências.

Seguem algumas pistas de como pesquisar em cartografia são elas: cartografar é acompanhar processos, toda pesquisa cartográfica é uma intervenção, o coletivo de forças de uma pesquisa é o plano da experiência cartográfica. A conversa sensível prioriza a partilha entre pesquisadora e a participante no plano da linguagem, com intervenção recíproca dos mundos ali representados, acompanhando os processos de criação de novos mundos possíveis dentro de um plano comum.

As questões são fabricadas como outra coisa qualquer. Se não deixam que você fabrique suas questões, com elementos vindos de toda parte, de qualquer lugar, se as colocam a você, não tem muito o que dizer [...] o objetivo não é responder a questões, é sair delas [...] uma entrevista poderia ser simplesmente um traçado de um devir (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 09-10).

Esse traçado de devir não é uma tarefa simples, essa rota exige uma escuta atenta e extremamente cuidadosa, o encontro em seu caráter performativo é uma paisagem rica,

possível de ser cartografada, sendo algo diferente de uma transcrição habitual realizada por alguns trabalhos etnográficos, a transcrição das entrevistas cartográficas também aponta as emoções e sentimentos do encontro: é um reescrito afetado.

Ao falar de pesquisa, de modo geral, mas aqui em específico a cartográfica é importante citar como será possível analisar e compreender o que estes encontros produzirão para o objetivo que aqui está expresso como um problema de pesquisa e seus objetivos. 30 A cartografia não vai lidar com os dados padrões que principalmente as pesquisas com o modelo quantitativo desejam gerar e confirmar ou afirmar conclusões, a cartografia constrói algo novo no encontro. Ela lida com dados que não eram esperados anteriormente ao encontro, a paisagem que está sendo forjada no encontro entre pesquisador/a e participantes no campo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa se estrutura em pressupostos éticos-epistemológicos pós estruturalistas que contribuem a pensar os rastros do etarismo e as relações amorosas, principalmente aqueles cujo foco perpassa pela intergeracionalidade, os muitos sentidos que produzem nas relações sexuais e afetivas que escapam a uma norma etarista que movimentam os dispositivos de idade, gênero, sexualidade, para pensar estas questões alguns autores são utilizados, tais como: Guita debert, Foucault, Butler, Guacira Louro, Simone de Beauvoir, entre outros. Para começar a discussão teórica é importante abordar os diferentes tipos de envelhecimentos que existem e que serão mencionados neste trabalho.

A palavra velhice não representa uma realidade bem definida, mas, ao contrário, um fenômeno complexo, cujo conceito depende da interdependência de dimensões como gênero e classe, que apontam para oposições, diferenças, conflitos e/ou alianças provisórias (MOTTA, 1996. p.28).

O envelhecimento não chega para todos após os 60 anos, as velhices iniciam em pontos diferentes da trajetória de cada um/a, para muitos/a, envelhecer é cada vez mais novo em possibilidade e na marcação de sua idade. Quando se falta dinheiro, acesso a saúde e muitos outros direitos básicos a velhice pode chegar mais cedo. O corpo tão vulnerável envelhece mais rápido que os anos do RG. Trazendo o aspecto regional para a conversa, pensar as velhices se torna uma tarefa ainda mais complexa.

Se tratando do cotidiano brasileiro em seu tamanho continental em extensão territorial e variação cultural, social e econômica, envelhecer nem sempre é viável, para muitos as condições de precariedade da vida exterminam qualquer possibilidade de longevidade. Quando os marcadores de sexo, gênero, raça e sexualidade se entrelaçam na trama da vida, o envelhecer fica cada vez mais difícil. A exposição ao maior índice de violência, dificuldades



de se colocar no mercado de trabalho, falta de oportunidade de alcançar um alto nível educacional, são elementos que encurtam a vida das pessoas que fogem ao padrão machista, cisgênero, heterossexual e branco do cotidiano brasileiro.

Muitas são as novas categorias, novas palavras para demarcar os envelhecimentos: melhor idade, terceira idade, sênior, essas tentativas de agregar significantes a esta marcação etária, partem de uma iniciativa moderna de suavizar as velhices, como se fora um peso demasiadamente difícil de carregar, a ponto de se criar uma repulsa ao termo “velho” “velha”. Essa marca de nosso tempo, deslocou estas palavras para outros lugares e porque não falar, deslocou também os fenômenos dos envelhecimentos. Hoje ser velho/a para muitos é algo da ordem do descrédito, até mesmo da ofensa, diversos blogs e páginas na internet realizam longos debates acalorados sobre qual termo utilizar para se referir a essa população de maneira respeitosa, como se fosse um total absurdo reconhecer-se velho/a. Diante desses fatos, algumas perguntas podem dar algumas pistas interessantes sobre os fenômenos dos envelhecimentos: Quais as raízes deste apagamento das velhices? O que há de intolerável em ser velho/a? Qual o mal-estar gerado pelas velhices na sociedade? Muitas são as perguntas e ainda em maior número são as possíveis respostas para estes fatos.

Segundo Pocahy (2011) não só o dispositivo da sexualidade, mas a produção de gênero e idade com práticas discursivas ou não de objetivação, normatizam e regulam as subjetividades. Assim como já disse Beauvoir (1990) as formulações e falas que tentam padronizar a experiência da velhice, devem ser rejeitadas, priorizando a pluralidade em seus múltiplos aspectos que não podem ser reduzidos a uma experiência uniforme, é assim que este trabalho produz sua pesquisa através da multiplicidade das formas de envelhecer.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa se encontra em fase de divulgação nas redes e nos ciclos de amigos, instituições, que muito tem contribuído para o avançar deste processo, através destes canais entrei em contato inicial com 2 mulheres e estamos em vias de agendar um dia para darmos início às conversas.

A procura irá continuar, pretendo achar um grupo maior de mulheres para que este cartografar se constitua de um fazer mais plural, esta parte e criação de redes com as participantes irá se desenrolar por mais 2 meses em média podendo alongar caso tenha necessidade.

Este primeiro contato tem me mostrado algumas possíveis limitações e expansões de pesquisar este campo, a principal limitação que identifiquei até agora é o sentimento de timidez e reclusão de falar sobre isso ao se voluntariar. Um ponto de expansão de pesquisar



em rede, é poder ter um círculo geográfico maior como campo, ao anunciar nas redes pode ter visualização e comentários de mulheres de estados e municípios diferentes, o que pode muito contribuir para ter um número representativo de participantes

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa ainda encontra-se em produção e muitas apostas estão em jogo na produção de sentidos para os envelhecimentos nas interfaces de aplicativos de relacionamento, dentro das relações amorosas sexuais intergeracionais.

Dentro dos meus 4 anos de prática clínica da psicologia, treino a escuta do que na maioria das vezes dói, que adoce a pessoa e a convoca a estar em um lugar de autocuidado, o foco desta pesquisa é também ouvir, um lugar onde a vida também pulsa e os afetos se entrelaçam, deste modo a cartografia metodologia aqui escolhida, é uma rota possível e necessária para criar mundos, em uma nova cartografia das subjetividades, que será construída em união com essas mulheres no devir do emaranhado de desejos que irão coabitar este plano comum.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J El género en disputa. El feminismo y la subversión de la identidad. Barcelona: Paidós, 2007

.DEBERT. G SIMÕES, J. **A Aposentadoria e a Invenção da “Terceira Idade”**. Textos Didáticos, Campinas, v.1, n.1, n.13, p.31-49 mar.1994.

DEBERT.G. **Feminismo e velhice. Sinais Sociais** | Rio de Janeiro | v.8 n. 22 | p. 18 | maio-ago. 2013 9._____. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: FAPESP, 1999

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34. (2008).

PELÚCIO, L. **No Emaranhado da Rede. Gênero, Sexualidade e Mídia, Desafios Teóricos e Metodológicos do Presente**. (2015)

POCAHY, F. A. (2011a). **A idade é um dispositivo. A geração como performativa** **Provocações discursivo-desconstrucionistas sobre corpo-gênero-sexualidade**. Revista Polis e Psique, 1, 254-275.

POZZANA, L.; KASTRUP, V. **Cartografar é acompanhar processos**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

RAMOS, Jair. 2015. **“Subjetivação e poder no Ciberespaço: da experimentação**



à convergência identitária na era das redes sociais”. *Vivência*, 45:57-76. 21.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2a edição. Porto Alegre: Sulina; Editora UFGRS, 2016

